

Família da Vila Planalto ainda espera por moradia

Um lugar para as crianças ficarem. No momento, essa é a maior preocupação de Angelina Miranda, cuja família está há 13 dias desabrigada, morando, junto com seus pertences, no local do barraco que construiu há três meses e que foi derrubado pela Terracap. Segundo ela, Thales Luiz e Janajna, com, respectivamente, 10 meses e cinco anos de idade, estão com problemas de saúde e não têm condições de continuar no pequeno abrigo improvisado pelos pais, coberto por oito telhas da antiga moradia.

Angelina tem esperanças de reaver o barraco derrubado. "Se fôssemos apenas eu e meu marido (Marzin), ficaríamos aqui o tempo necessário, até que aparecesse uma solução. Mas meus filhos, não. Eles necessitam de mais conforto", lamentou. No entanto, se depender da Terracap, o melhor a fazer é desistir. De acordo com a Assessoria de Imprensa do órgão, não é possível conceder autorização para que a família Miranda permaneça no local, por existirem na mesma situação mais de 100 famílias na Vila Planalto.

NOTIFICAÇÃO

A Terracap informou que Angelina e Marzin foram notificados, três meses antes da derrubada — assim que construíram o barraco — para que conseguissem outro lugar para morar. Em contrapartida, Madalena de Queiroz, assessora da Secretaria de Serviços Sociais, disse que a Fundação do Serviço Social já foi contatada sobre o problema: "Os desabrigados têm agora, à sua disposição, os dois albergues da Fundação. Um se localiza no Núcleo Bandeirante e o outro em Sobradinho".

O "lar" da família Miranda é dividido em dois compartimentos. A cama de casal e os armários estão sob as oito telhas do barraco derrubado. E lá que todos estão dormindo. "O espaço é muito pequeno para quatro pessoas. Na noite passada choveu bastante e tenho medo que meu filho tenha que voltar para o hospital", revelou Angelina. Thales Luiz

recebeu alta, anteontem, do HIRAN, onde estava internado desde sexta-feira por causa de uma forte gripe e de uma bronquite mal cuidada: "Fiquei até às 22h procurando um local para meus filhos dormirem e não consegui".

GAIOLA

Uma "gaiola" de caminhão — utilizada na carroceria para proteger as pessoas que estão sendo transportadas — abriga dois colchões, um fogão e alguns utensílios de cozinha. Do lado de fora há uma mesa improvisada com madeira e estacas de ferro, onde estão as panelas. Outro temor de Angelina são os efeitos da

chuva sobre os seus pertences: "Está tudo se acabando".

Sem alternativas, a família Miranda espera. Na casa da mãe de Angelina não há mais espaço. Tanto que sua filha Janajna, com hemorragia anal, continua com o tratamento interrompido, desde que o barraco foi demolido e o menino Thales ficou doente. Com anomalias congênitas — nasceu com vários órgãos duplos e o ânus vedado, tendo se submetido a uma cirurgia há pouco tempo — a menina tem consulta marcada para hoje, no Hospital Docente Assistencial. "Nem sei se vou levar minha filha ao médico, diante do desespero que estamos vivendo", disse Angelina, chorando muito.



Angelina pede abrigo para os filhos doentes